



Megan Maxwell

**Príncipes (Des)Encantados**

Tradução  
Cristina Vaz

 Planeta

Para a minha mãe, as minhas tias e as minhas primas, porque sei que elas sempre gostaram deste livro. E para todas aquelas pessoas que sempre acreditaram em segundas oportunidades. Um grande beijo.

MEGAN



## **Os príncipes encantados...**



## Capítulo 1

*Califórnia, 22 de Maio de 1995*

Existe realmente o amor à primeira vista?

No caso de Sam e Kate, sentiram-no no momento em que os seus olhares se cruzaram numa tarde quente de Maio, enquanto soava a música dos Beach Boys no rádio daquele bar da praia na Califórnia.

Michael, o amigo de Sam, deu-se conta de como este olhava apatetado para aquela rapariga loira do grupo do fundo.

– Tem um corpo bonito? – comentou Michael.

– Tem mais coisas do que as que vês – respondeu o outro sem conseguir deixar de olhar para ela.

– Sam... Não me assustes... que se passa contigo?

– Não sei, mas acho que me apaixonei.

– Meu Deus! – gritou Michael. – Ar...! Ar! O Sam está com falta de ar!

– Cala-te, idiota. – Riu-se ao verificar que a rapariga também estava a olhar para ele.

Não conseguia afastar os olhos daquela jovem; era linda. Tinha o cabelo loiro, brilhante, e uns doces olhos verdes que o tinham deixado sem fôlego da primeira vez que olhou para ele. Estava encantadora com as jardineiras de ganga. E a *T-shirt* branca fazia sobressair a sua pele bronzeada.

– É a coisa mais bonita que alguma vez vi na minha vida – sussurrou apatetado.

– Não é má – reconheceu Michael depois de olhar para a jovem de longa cabeleira loira.

Do outro lado do bar, Kate também não conseguia deixar de olhar para aquele rapaz. Não era a primeira vez que o via, mas, ao dar-se conta de que ele também a observava, sentiu-se desastrada.

- Kate – perguntou Shalma –, aquele não é o rapaz da praia?
- Sim, é ele – respondeu depois de beber um gole da sua *Coca-Cola*.
- Ora, ora... ele está a comer-te com os olhos.
- Não é para tanto – replicou Kate, embora soubesse que era verdade.
- Ainda bem, rapariga. Mais um bocado e acaba-se o ano lectivo e ele sem reparar em ti.

Shalma tinha razão. Kate reparara nele um mês depois de ter ido estudar para ali. Porém ele estava sempre demasiado ocupado com os amigos, o *surf* ou as raparigas para olhar para o lado. Mas nesse dia, sem saber porquê, por fim os olhares de ambos tinham-se encontrado. Kate ia muitas tardes à praia e sentava-se na areia a ler, e dali observava Sam a surfar, sempre com o amigo. Aquele rapaz moreno que parecia a sombra dele, embora, na realidade, não soubesse quem era a sombra de quem. O certo era que estavam sempre juntos onde quer que os vissem. Muitas vezes, em especial se o mar estava mais bravo, se se fosse até à praia, era possível vê-los a surfar. Eram bastante bons. Se os observassem tempo suficiente, dava para ver que sabiam muito bem o que faziam quando se metiam no mar com as suas pranchas.

Kate adorava observá-los. Eram atraentes e vestiam de modo descontraído. Deviam medir um metro e noventa, tinham pele morena e cabelo preto como azeviche, que traziam sempre apanhado em rabos-de-cavalo e, como dizia Shalma, um corpo musculoso e atlético de tirar o fôlego. Os seus sorrisos e aquele ar polinésio tornavam-nos especiais. Embora isso talvez fosse mais latente no amigo de Sam do que nele.

Kate, acalorada, pousou o copo no balcão e foi à casa de banho passar um pouco de água na nuca. Estava tão nervosa que tinha as mãos a transpirar. Ao sair ouviu alguém dirigir-se a ela.

- Está calor, não está?
- Sim – conseguiu responder ao ver a quem pertencia aquela voz. Sam não pensava desperdiçar a oportunidade de falar com ela.
- Olá, chamo-me Sam Malcovich. – Sorriu, estendendo-lhe a mão.

– E eu sou Michael Talaua – apresentou-se o amigo. Contudo, ao ver o olhar que Sam lhe dirigiu, acrescentou de imediato: – E já me ia embora. Adeus.

– Muito prazer. – A jovem sorriu e, cravando os olhos em Sam, disse:  
– O meu nome é Kate Dallet.

## Capítulo 2

Os meses passaram e a magia entre Kate e Sam surgiu de uma maneira selvagem como costuma acontecer quando as flechas do Cupido atingem o coração. Muitas tardes, Kate esperava que Sam e Michael acabassem o trabalho na hamburgueria para sair com eles, em especial com Sam. Foram muitas as madrugadas em que Kate ia à praia para os ver surfar. De início Shalma acompanhava-a, mas com o tempo cansou-se e preferiu ficar na cama. Um dia, enquanto Kate observava como se divertiam com as pranchas no mar, decidiu que queria saber mais sobre aquele desporto que tanto os apaixonava e, quando Sam saiu da água e se estendeu ao lado dela na areia, disse-lhe:

- Gostava que me explicasses mais coisas sobre o *surf*.
- O que queres que te diga? – Olhou-a enquanto as gotas de água salgada lhe escorriam pelo cabelo de forma provocante.
- O que quiseses – insistiu, beijando-o.
- *Okay*, princesa – concordou e, afastando o cabelo para trás, começou: – Vou contar-te o que nos explicava Mahuto, um homem com alguma idade que vivia ao lado da nossa casa. Este homem era um antigo surfista e dizia-nos sempre que o *surf* era um dos desportos mais antigos do mundo. Pelos vistos, na antiguidade, os polinésios faziam campeonatos que eram considerados duelos, amorosos ou de qualquer outra índole.
- Duelos? – Kate sorriu.
- O duelo consistia em apanhar ondas nas rebentações mais arriscadas. Segundo nos contava Mahuto, era raro passar um fim-de-semana

sem que houvesse uns quantos duelos. Diz-se que já no ano de 1770, o capitão James Cook descreveu no seu diário um estranho exercício praticado pelos nativos das minhas ilhas quando se adentravam no mar em cima das suas pranchas de madeira e que denominavam *choroe*, que para eles significa «apanhar ondas», «cavalgar ondas», etc. O *surf* sempre foi para nós um modo de vida, até se construía templos chamados *Heyau*, nos quais eram deixadas oferendas, e o *Kahuma*, que significa «bruxo da tribo», rezava para que viessem boas ondas.

– A sério que rezavam para que viessem boas ondas?

– Sim, querida, já te disse que o *surf*, no Havai e nas ilhas, é um modo de vida. Queres que continue?

– Claro. É muito interessante – assentiu Kate.

– Quando o capitão Cook morreu, um tal James King também escreveu sobre os havaianos e a sua forma peculiar de se divertirem a fazer malabarismos perigosos e piruetas assombrosas em cima de uma prancha no mar. Com o tempo, a Igreja intrometeu-se. Não via com bons olhos aqueles que praticavam *surf*, chegaram a acusá-los de serem indecentes por surfarem seminus. Por isso, durante um tempo, aquele fenómeno chamado *choroe*, com a dança do *hula*, foram duramente castigados e as pessoas deixaram de os praticar com a liberdade de outras épocas. Porém, como em tudo nesta vida, com o tempo há sempre alguém que ajuda as coisas boas a regressarem, e surgiram movimentos havaianos que exigiram que se recuperassem o seu passado e a sua história, e voltaram a dar ao *surf* a importância que sempre tinha tido na ilha.

Kate escutava-o com atenção. Notava-se a paixão quando ele falava do seu lar.

– Falou-se de John Papa Li, um homem que escreveu acerca de como se praticava aquele desporto, mas sobretudo focou-se em falar dos tipos de madeira que eram usados para fazer aquelas maravilhosas pranchas, tratadas com óleos e essências. George Freeth, mais conhecido como Brown Mercury, foi um surfista meio irlandês, meio havaiano. Ele foi o primeiro a mostrar ao resto do mundo o que era o *surf*. Durante os anos em que viveu na Califórnia, dedicou-se a ensinar todos aqueles que quisessem surfar ao estilo havaiano. Infelizmente, morreu novo, mas por

sorte para nós e para o *surf*, em Redondo Beach há um busto de bronze em sua memória, em cuja placa se pode ler a seguinte legenda...

– «O PRIMEIRO SURFISTA DOS EUA, O JOVEM QUE RECEBEU A ÚLTIMA ARTE DA POLINÉSIA, O SURF» – disse Michael, sentando-se ao lado deles.

– Muito bem, irmão. – Sam sorriu e prosseguiu: – Duke Kahanawoku, entre outros, criou em Waikiki o clube de *surf* Hui Nalo. Duke foi campeão olímpico de natação em 1912, e em 1915 a Austrália convidou-o a visitar as suas praias, em concreto uma praia a norte de Sidney. Ali deu aulas de *surfe* construiu uma prancha de madeira de sequóia, que tornou muitíssimo famosa, e que ainda se encontra no clube de *surf* australiano que ele fundou nessa praia. O resto... já podes imaginar. As pessoas começaram a praticá-lo, embora, em honra da verdade, nós, os havaianos, somos os reis desse desporto.

– Não duvides. – Michael sorriu ao ver como ele se pavoneava diante de Kate.

– É fascinante – comentou ela também com um sorriso.

– Sim, o *surf* é fascinante – respondeu Michael olhando para o mar.

Na manhã seguinte, quando foram buscar Kate, surpreenderam-se ao vê-la à espera deles ataviada com um fato de neopreno azul e uma prancha debaixo do braço. Kate, ao ver as caras deles, não conseguiu reprimir um sorriso cúmplice.

– Lamento, rapazes, mas já me cansei de olhar. Vão ter de dedicar um tempo a ensinar-me; eu também quero divertir-me, quero saber o que se sente quando se «apanha uma boa onda», como vocês dizem.

– Caramba – disse Michael, sorrindo –, vê-se que os tens bem no sítio, Kate; é de raparigas assim que eu gosto. Não tens nenhuma irmã?

Kate sorriu e revirou os olhos.

– A minha miúda é assim – observou Sam orgulhoso, agarrando-a pela cintura. – Estou cada dia mais louco por ti. Andem, vamos à praia.

E assim começou a aprendizagem de Kate. Os primeiros dias foram duros, e o que ela mais fazia era engolir água e rebolar pela praia. Mas depressa lhe ensinaram que, para ficar de pé em cima de uma prancha, deveria repartir o peso do corpo entre os dois pés e dobrar as pernas, e que o peito deveria cair para a frente; explicaram-lhe o que era um

*take-off*, o *duck dive*, o tubo, e como tinha de balançar os ombros no sentido em que a onda quebrava para fazer um *bottom turn* e assim poder virar; aprendeu que antes de se meter na água tinha sempre de controlar onde estavam as rochas, ou qual a direcção da corrente, ou como eram as ondas. Também lhe ensinaram a não esperar para sair da água até estar esgotada, mas que tinha de o fazer quando sentisse frio ou notasse os primeiros indícios de cansaço.

Praticando quase diariamente e com uma tremenda força de vontade que surpreendeu ambos, Kate conseguiu aprender e, com o tempo, começou a desfrutar. Assim, todas as manhãs, qualquer um podia ver os três a irem à praia com as suas pranchas presas aos tornozelos e dançarem com as ondas.